

1

Jovens portuguesas que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam

LURDES LOMBA, JOÃO APÓSTOLO, FERNANDO MENDES, DIANA CATARINA DE CAMPOS

Artigo recebido em 06/01/11; versão final aceite em 15/02/11.

RESUMO

Os ambientes recreativos nocturnos têm conquistado, na actualidade, um protagonismo crescente na vida juvenil, determinando estilos de vida e legitimando comportamentos tidos como necessários para a obtenção da diversão e do prazer imediato. É neste contexto que se assiste à generalização e normalização do consumo recreativo de álcool e drogas bem como à adopção de outros comportamentos de risco associados.

Este estudo pretende delinear o perfil dos jovens portuguesas que frequentam estes locais de diversão e determinar quais os comportamentos que adoptam decorrentes do seu envolvimento nestas actividades a partir de um estudo descritivo realizado numa amostra de 1257 jovens frequentadores de ambientes recreativos nocturnos, com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos, oriundos de 9 cidades portuguesas, dando particular ênfase às suas características sociodemográficas, aos seus hábitos recreativos e modo como se deslocam para os locais de diversão. São ainda analisados os comportamentos por estes adoptados no âmbito do consumo de substâncias psicoactivas, sexualidade, condução rodoviária e violência.

Palavras-chave: Jovens; Ambientes Recreativos Nocturnos; Comportamentos de Risco.

RÉSUMÉ

Les ambiances récréatives nocturnes ont conquis, aujourd'hui, un rôle primordial en croissance dans la vie juvénile, déterminant ainsi les styles de vie et légitimant des comportements perçus comme nécessaires à l'obtention du divertissement et du plaisir immédiat.

C'est dans ce contexte que l'on assiste à la généralisation et normalisation de la consommation récréative d'alcool et de drogues ainsi qu'à l'adoption d'autres comportements de risque associés.

Cette étude prétend tracer le profil des jeunes portugais qui fréquentent ces endroits de divertissement et déterminer quels comportements ils adoptent à l'issue de leur engagement dans ces activités à partir d'une étude descriptive réalisée à partir d'un échantillon de 1257 jeunes habitués d'ambiances récréatives nocturnes, ayant des âges compris entre les 15 et les 35 ans, originaires de 9 villes portugaises, en mettant en accent sur leurs caractéristiques sociodémographiques, leurs habitudes récréatives et sur la façon dont ils se déplacent aux endroits de divertissement. Par ailleurs, les comportements adoptés par ces derniers seront aussi analysés dans le contexte de la consommation de substances psycho-actives, de la sexualité, de la conduite routière et de la violence.

Mots-clé: Jeunes; Ambiances Récréatives Nocturnes; Comportements de Risque.

ABSTRACT

Today night recreational settings are assuming a growing importance in young people's life, determining lifestyles and legitimizing behaviors considered necessary for them to experience fun and immediate pleasure. Thus, we are now witnessing the generalization and standardization of recreational consumption of alcohol and drugs, as well as the embracing of other associated risk behaviors.

This study aimed to characterize the profile of Portuguese young people attending these recreational venues and identify the behaviors that they adopt resulting from their engagement in these activities. A descriptive study was conducted on a sample of 1257 youngsters attending night recreational settings. Participants were aged 15-35 years and came from 9 Portuguese cities. This study focused on their sociodemographic characteristics, recreational habits and means of transportation to these entertainment venues. This study also analysed the behaviors adopted by these youngsters concerning the use of psychoactive substances, sexuality, driving patterns and violence.

Key Words: Young People; Night Recreational Settings; Risk Behaviors.

RESUMEN

Los ambientes recreativos nocturnos han conquistado, en la actualidad, un protagonismo creciente en la vida juvenil, determinando estilos de vida y legitimando comportamientos considerados necesarios para obtener la diversión y el placer inmediato. En este contexto se asiste a la generalización y normalización del consumo recreativo de alcohol y drogas bien como a la adopción de otros comportamientos de riesgo asociados.

Este estudio pretende delinear el perfil de los jóvenes portuguesas que frecuentan estos locales de diversión y determinar cuales son los comportamientos que adoptan en el curso de su envolvimento en estas actividades, partiendo de un estudio descriptivo realizado en una muestra de 1257 jóvenes frequentadores de ambientes recreativos nocturnos, con edades comprendidas entre 15 y 35 años, oriundos de 9 ciudades portuguesas, enfatizando a sus características sociodemográficas, a sus hábitos recreativos y modo como se van hasta los locales de diversión. Aún son analizados los comportamientos que adoptan en el ámbito del consumo de sustancias psicoactivas, sexualidad, conducción en carretera y violencia.

Palabras Clave: Jóvenes; Ambientes Recreativos Nocturnos; Comportamientos de Riesgo.

1 – INTRODUÇÃO

A noite, com o seu tempo e espaço individualizado do dia; como ruptura da experiência normalizada do quotidiano produtivo, das relações estipuladas e do formal; como tempo de não obrigações e de indefinições; cheia de referências mágicas e contraditórias tem sido um espaço de apropriação pelos jovens, o que explica a proliferação actual dos espaços recreativos específicos a eles dirigidos (Gómez e Pampols, 2000; Calafat *et al.*, 2000; Elbaum, 2008).

Para muitos jovens divertir-se implica estar em locais da moda, com amigos, e desfrutar de actividades ligadas à música e à dança (Calafat *et al.*, 2003). No entanto, a recreação nocturna tem uma ligação intrínseca com o consumo de álcool e drogas (Calafat, Fernandez, Juan e Becona, 2005; Calafat, Juan, Becoña e Fernández, 2007) tanto que, o uso de substâncias psicoactivas em ambientes recreativos é actualmente tão elevado que estes contextos são considerados factores de risco para o seu consumo (Bellis, Hughes e Lowey, 2002; Simões, 2005; OEDT, 2007). Não obstante, as substâncias psicoactivas potenciam a adopção de outros comportamentos de risco, na área da sexualidade (Martin, 2001; Hayaki, Anderson e Stein, 2006; Lomba, 2006a); condução rodoviária (NIDA, 2007) e violência (ONU, 2005; OMS, 2006) pelo que analisar, compreender e dar protagonismo aos ambientes recreativos será crucial para fazer frente aos problemas associados à sua frequência.

Este estudo desenvolvido em 9 cidades portuguesas, entre 2007 e 2010, surge com o objectivo de descrever as características sociodemográficas, hábitos recreativos e comportamentos adoptados no âmbito do consumo de substâncias psicoactivas, sexualidade, condução rodoviária e violência dos jovens que frequentam ambientes de recreação nocturna.

2 – METODOLOGIA

Estudo descritivo realizado junto de jovens frequentadores de ambientes recreativos nocturnos de 9 cidades Portuguesas (Angra do Heroísmo, Aveiro, Funchal, Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Viseu, Ponta Delgada e Coimbra) seleccionados utilizando uma variação da

RDS – Respondent-driven sampling – amostragem orientada por respondentes (Heckathorn, 1997), previamente desenvolvida e validada como um mecanismo para recrutar consumidores de drogas recreativas (Wang *et al.*, 2005). O recrutamento dos jovens foi realizado em cada cidade de acordo com a esquematização apresentada no Quadro 1.

QUADRO 1 – Recrutamento inicial da amostra.

Frequentadores de locais de baixo risco	<19 anos	1 do sexo masculino 1 do sexo feminino
	19-30 anos	1 do sexo masculino 1 do sexo feminino
Frequentadores de locais de risco elevado	<19 anos	1 do sexo masculino 1 do sexo feminino
	19-30 anos	1 do sexo masculino 1 do sexo feminino

Cada um destes jovens indicou o contacto de três outros indivíduos frequentadores de ambientes recreativos pertencentes à sua rede social, solicitando a participação no estudo. Este processo repetiu-se sucessivamente até perfazer uma amostra de 150 indivíduos por cidade, tendo-se obtido uma amostra final de 1257 jovens.

Os participantes consentiram, informadamente, participar no estudo, sendo os questionários auto-administrados, estando os investigadores disponíveis para esclarecer qualquer dúvida. O instrumento utilizado foi o "Questionário de Caracterização da População", desenvolvido pela rede IREFREA, com tradução para Português em 2006.

3 – APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – Caracterização sociodemográfica da amostra

Em todas as cidades estudadas, a idade mínima dos jovens varia entre os 15 e os 16 anos e a máxima ronda os 30 anos (\bar{x} = 22,36 anos; SD = 4,10 anos), com excepção de Ponta Delgada, Funchal e Porto com 35 anos. Quanto ao género, a distribuição é bastante homogénea, no entanto com uma discreta predominância do género masculino (50,08%). Em todas as cidades é maioritário o número de indivíduos que têm formação universitária. No entanto, as diferenças entre

idades são substanciais: Coimbra tem 81,25% dos jovens com formação universitária ao passo que Ponta Delgada apenas apresenta 35,77%. Quanto à ocupação

actual, verifica-se que em todas as cidades a maioria é estudante com excepção do Porto e Ponta Delgada em que predominam jovens trabalhadores (ver Quadro 2).

QUADRO 2 – Características sociodemográficas dos jovens por cidade.

CIDADE	Idade (Anos)			Género (1) %		Nível formação (2) %			Ocupação (3) %			
	n	\bar{X}	SD	Masc.	Femin.	Bás.	Secu.	Univ.	Estu.	Trab.	Des.	Outra
Lisboa	144	22,50	4,00	55,90	44,10	9,15	26,76	64,09	57,25	38,17	3,05	1,53
Porto	128	24,76	5,18	60,94	39,06	10,94	38,28	50,78	34,38	47,66	7,02	10,94
Coimbra	144	21,83	3,01	51,40	48,60	2,08	16,67	81,25	77,78	16,67	2,78	2,77
Viseu	150	20,24	3,26	50,00	50,00	10,67	44,00	45,33	77,33	15,33	4,67	2,67
Funchal	136	24,04	4,24	56,62	43,38	8,33	43,94	47,73	41,41	49,78	3,91	3,90
Ponta D.	137	22,46	4,35	44,53	55,47	35,03	29,20	35,77	40,88	53,29	2,92	2,91
Angra H.	180	22,02	4,27	39,44	60,56	23,33	34,44	34,44	51,67	45,00	1,67	1,66
Viana C.	112	21,26	3,05	44,64	55,36	8,04	30,36	61,60	73,21	18,75	2,68	3,57
Aveiro	126	22,50	3,35	50,00	50,00	13,49	31,75	54,76	46,83	38,09	4,76	10,32
Todas cidades	1257	22,36	4,10	50,08	49,92	13,83	33,97	52,20	55,83	36,25	3,64	4,29

(1) Masc. – Masculino; Femin. – Feminino

(2) Bás. – Formação Básica; Secu. – Formação Secundária; Univ. – Formação Universitária

(3) Estu. – Estudante; Trab. – Trabalhador; Des. – Desempregado

O facto de oito das nove cidades terem centros universitários, bem como a juvenildade da amostra, podem explicar a elevada percentagem de estudantes deste estudo (55,83%). Não obstante, é alargado o intervalo de idades que a caracteriza (15 a 35 anos). Esta adesão, de indivíduos de idades díspares compreendidas entre a adolescência e a idade adulta, à cultura recreativa, faz sentido numa lógica que Elbaum (2008) apelidou de "juvenilização". Trata-se de um processo hegemónico e até mesmo totalizador na medida em que a juventude surge na sociedade actual como um privilégio social; jovens e adultos querem aceder a ícones de legitimação juvenil tais como certos consumos, usos citadinos, frequência de locais de moda e actividades recreativas padronizadas, cuja proscrição priva a vivência plena do dito período etário e a não adesão condiciona uma vinculação/integração deficitária aos capitais sociais imperantes.

Em relação ao género, verifica-se uma grande homogeneidade na presente amostra; resultado ligeiramente divergente dos apurados noutros estudos realizados em meios festivos (Calafat *et al.*, 1999; Deehan e Saville, 2003; Lomba, 2006; Henriques, 2009) em que a predo-

minância do género masculino é mais expressiva. Esta recente participação mais activa das jovens na cultura recreativa pode traduzir a homogeneização entre homens e mulheres na "experimentação social" mas também uma emergente identidade feminina, ancorada em posições subjectivas, modeladas pela cultura juvenil actual. Tal como refere McRobbie (1993), a nova era *Dance*, ao colar-se a valores como a amizade, a igualdade e o respeito; ao amor; à aparência e à sexualidade; ao prazer e à possibilidade de se poder abandonar à dança (que sempre foi a força motivadora das mulheres em todas as subculturas), favorece a adesão das mulheres a esta subcultura juvenil e potencia novas mudanças nos modos de afirmação da feminilidade.

O nível de formação dos jovens inquiridos mostra uma considerável bagagem educativa. Mais de metade (52,20%) atingiu ou está em processo de realização da formação universitária, e apenas 13,83% tem formação básica. De facto, comparando com a população geral do país, em que segundo o INE (2010) apenas 16,05% tem formação universitária e 64,40% tem formação básica, ressalta o elevado nível educativo dos jovens que frequentam os ambientes recreativos nocturnos.

Esta adesão dos jovens universitários à vida recreativa nocturna é justificada por Melo *et al.* (2010) pela importância que o plano recreativo pode desempenhar no processo de integração dos jovens à vida académica, bem como no combate ao *stress* e à frustração, associados a algum insucesso académico.

3.2 – Hábitos recreativos nocturnos

Os jovens deste estudo saem cerca de 6 noites por mês, sendo que os jovens de Aveiro, Viseu e Viana do Castelo saem mais vezes, em contraste com os de Lisboa, que saem muito menos. Consta-se que, em todas as cidades, os jovens saem em média mais do que uma noite por fim-de-semana e visitam entre 2 a 3 locais de diversão por noite. Estas saídas nocturnas duram entre 5 a 6 horas e, por noite, os jovens gastam em média 16,00 €.

QUADRO 3 – Hábitos recreativos nocturnos.

CIDADE	n	n.º noites/mês		n.º noites/FdS*		n.º horas/noite		n.º locais/noite		euros/noite	
		\bar{X}	SD	\bar{X}	SD	\bar{X}	SD	\bar{X}	SD	\bar{X}	SD
Lisboa	144	3,15	1,06	1,70	0,64	6,42	2,52	2,92	1,33	25,91	17,53
Porto	128	5,39	5,38	2,14	0,97	5,84	2,41	2,14	0,97	22,24	25,89
Coimbra	144	6,93	3,75	1,71	0,64	6,28	1,81	2,64	0,78	14,32	12,78
Viseu	150	7,56	6,04	1,83	0,70	4,88	1,46	2,33	0,78	9,23	6,88
Funchal	136	6,02	4,78	1,50	0,61	6,35	1,61	3,11	1,00	22,92	12,58
P. Delgada	137	5,47	4,46	1,66	0,66	5,12	1,68	2,38	0,72	13,00	10,89
Angra H.	180	5,44	4,76	1,68	0,68	5,33	1,66	2,54	0,94	13,66	9,01
Viana C.	112	7,88	6,11	1,71	0,67	5,94	1,58	2,53	0,83	10,98	7,51
Aveiro	126	8,20	6,29	1,94	0,68	5,18	1,66	2,80	1,19	12,51	8,75
Todas cidades	1257	6,14	5,10	1,71	0,67	5,69	1,93	2,60	1,00	16,00	14,52

* FdS – Fim-de-semana

Os resultados globais do estudo apontam para uma homogeneidade nos hábitos recreativos dos jovens das 9 cidades, que realça o copioso tempo que a maioria dos jovens despende nesta actividade. A longa duração de cada noite pode ser justificada (entre outros factores) pelo número de locais que os jovens visitam numa noite. Note-se, por exemplo, que as noites de Lisboa e Funchal apresentam a duração mais longa e, em concomitância, são visitados mais locais por noite, comparativamente com as outras cidades. Possivelmente, esta permanência prolongada nos ambientes de recreação nocturna determina maiores gastos monetários, uma vez que estas cidades, onde se verifica uma maior duração da noite (Lisboa e Funchal), apresentam gastos monetários mais elevados. Por oposição, Viseu é a cidade em que os jovens permanecem menos tempo na noite e, simultaneamente, onde gastam menos dinheiro. Este movimento de visita de vários locais numa noite é uma prática generalizada, segue um roteiro próprio e ocorre na medida em que

os jovens, na sua vivência da noite, elegem diferentes espaços que sucessivamente se adequam aos seus rituais recreativos; sempre em permanente ligação com a música e a dança. No entanto, tal como refere Alonso (2002) ou Calafat (1999), esta prática (de mudar frequentemente de local recreativo na mesma noite), pode relacionar-se com um maior consumo de álcool ou de drogas, e pode implicar maiores perigos, sobretudo quando associada à condução de veículos automóveis ou a outros factores como o cansaço.

A frequência de ambientes recreativos nocturnos ocorre preferencialmente ao fim-de-semana, como se deduz dos resultados deste estudo, e tal como já descrito por diversos autores (Alonso, 2002; Calafat *et al.*, 2000; Pardo, 2002; Calafat *et al.*, 2004; Matje, 2010). Segundo Gómez e Pampols (2000), esta forma dos jovens se apropriarem do fim-de-semana serve para criar a sua própria experiência, dar significado às suas vidas e experienciar parte da sua identidade, desenvolvendo actividades e rituais partilhados com um grupo de

iguais, em espaços informais onde adquirem um "capital humano expressivo", necessário para as relações e interações sociais. Cumpre-se assim, nos tempos de ócio de fim-de-semana, uma das tarefas básicas dos jovens - a socialização entre iguais, em simultâneo com a ruptura das actividades formais da semana.

Os motivos subjacentes à escolha dos locais recreativos são coincidentes nas dez cidades do estudo: os jovens frequentam os ambientes recreativos atendendo preferencialmente à possibilidade de encontrar amigos (96,10%) e ao tipo de música (94,98%), motivos igualmente valorizados em estudos similares (Calafat *et al.*, 2000, Deehan e Saville, 2003, Calafat, 1999). Tal como esperado, estes resultados confirmam que, para estes jovens, a noite é o espaço em que as redes sociais se entrelaçam com o grupo de iguais e onde a música tem a função de ser o elemento catalisador da socialização. Por outro lado, o facto de 59,44% dos jovens deste estudo valorizarem a acessibilidade a bebidas alcoólicas baratas como importante factor de peso na escolha do local de diversão, denuncia a relação objectiva entre estes locais e o consumo de substâncias psicoactivas com fins recreativos. E, embora o consumo de drogas seja uma razão minoritária, revela-se crucial no contexto deste estudo (i.e. a possibilidade de consumo de *cannabis* é valorizada por 16,71% dos jovens). Outro indicador deste vínculo entre ambientes recreativos e consumos será o facto de a permanência prolongada nestes locais determinar maiores gastos monetários, como referenciado anteriormente. Por fim, refira-se ainda que a valorização da segurança dos ambientes recreativos pela maioria dos jovens (92,02% consideram esta questão importante) poderá relacionar-se com o reconhecimento do elevado potencial de violência destes locais (Homel e Tomsen, 1993, Hughes *et al.*, 2007, WHO, 2010) e, por tal, é uma questão a que são sensíveis aquando da sua escolha.

Este estudo permitiu ainda verificar que, em relação aos hábitos recreativos no futuro, as intenções dos jovens diferem conforme perspectivadas a médio ou a longo prazo. A 2 anos, predomina a intenção de manter os hábitos actuais (48,20%) ou diminuí-los (33,39%), ao passo que a 5 anos, 30,64% dos jovens perspectivam a

manutenção dos hábitos recreativos actuais e 55,04% a diminuição da sua frequência. Ou seja, os jovens perspectivam uma diminuição progressiva do peso da vida recreativa nas suas vidas. Considerando que a cultura recreativa assenta, como defende Matej (2010), no viver o presente, desfrutar do momento e divertir-se o mais possível como forma de resistência ao mundo dos adultos, poderá deduzir-se que estes jovens estão conscientes da excessiva valorização presente dada a este tipo de diversão bem como do tempo a ela atribuído e sabem que, mais tarde ou mais cedo, terão que abandonar o "infinito festival hedonístico do momento presente" e renderem-se à incontornável entrada no mundo dos adultos.

3.3 – Questões relacionadas com o transporte

Nas suas deslocações para os ambientes recreativos nocturnos, a maioria dos jovens recorre preferencialmente ao transporte privado, tanto na ida (73,70%) como no regresso a casa (71,83%), sendo que esta preferência se verifica nas 9 cidades estudadas. Os transportes públicos são pouco usados (apenas por 5,13% dos jovens) constatando-se, ainda assim, uma diminuição de 31,19% na sua procura aquando do regresso a casa, ao contrário dos táxis, em que se verifica um aumento de 98,80% na sua procura. As justificações mais referidas para o não uso dos transportes públicos são a opção pessoal de utilizar o transporte privado, apontado por 55,38% dos jovens, mas também a inexistência de serviço nocturno de transportes, assinalada por 25,84% dos jovens. Marín-León e Vizzotto (2003) apontam a deficiência do sistema de transportes públicos como um estímulo para o uso do transporte privado e Calafat *et al.* (2009) frisam que a mudança do transporte público para o táxi no regresso a casa evidencia a ausência de transportes adequados nas horas tardias nocturnas. Embora a preferência constatada pelo transporte privado se possa dever à referida inexistência de transportes nocturnos, outras razões poderão estar na génese dessa preferência, nomeadamente valores pessoais e sociais associados ao uso de transporte próprio como o *status* social, reconhecimento de idade adulta, aumento da possibilidade de seduzir um parceiro sexual, etc.

(Calafat *et al.*, 2009). Independentemente dos motivos subjacentes, esta será com certeza uma questão sensível, atendendo a que a maioria dos jovens consome álcool ou outras substâncias psicoactivas durante a noite (Measham e Brain, 2005; Calafat *et al.*, 2007) e acaba por, mesmo assim, regressar a casa em transporte privado agudizando-se o subsequente risco de ocorrência de acidentes de trânsito (Jones *et al.*, 2008, Morleo, Elliott e Cook, 2009).

3.4 – Sexualidade e Comportamentos sexuais de risco

Da totalidade dos jovens inquiridos, 84,63% já teve relações sexuais com uma idade de iniciação em média de 16,88 anos (SD= 2,12). A média de parceiros sexuais, nos últimos doze meses, é de 1,98 (SD = 2,29). Viseu destaca-se consideravelmente das restantes cidades por, em relação aos jovens que já tiveram relações sexuais, apresentar uma média (65,52%) muito inferior às restantes cidades do estudo e, em simultâneo, por apresentar a média mais elevada de idade de iniciação à

vida sexual (17,25 anos). Por oposição, Lisboa, Coimbra e Porto apresentam as frequências mais elevadas de jovens que já tiveram relações sexuais (entre os 89,51% e os 94,53%) e as médias mais baixas de idades de iniciação da vida sexual (entre os 16,51 e os 16,76 anos). A média de parceiros sexuais é significativamente mais elevada em Coimbra e Lisboa (2,65% e 3,12%, respectivamente) por contraste com Viana do Castelo e Ponta Delgada (1,62%).

Ainda no mesmo período, 53,49% dos jovens sexualmente activos teve (pelo menos uma vez) relações sexuais sob o efeito de álcool, verificando-se a prevalência mais elevada desta ocorrência em Coimbra (64,80%) e Lisboa (60,42%) e a mais baixa no Porto (40,34%), Ponta Delgada (46,49%) e Angra do Heroísmo (45,45%). Quanto ao sexo sob o efeito de drogas, 24,90% do total da amostra afirma já o ter tido, registando-se a prevalência mais elevada deste comportamento em Lisboa (36,11%) e a mais baixa no Porto (14,17%) e em Angra do Heroísmo (14,40%).

QUADRO 4 – Actividade Sexual dos Jovens.

CIDADE	Sexo sob o efeito de álcool %*				Sexo sob o efeito de drogas %*				Sexo sem preservativo %*			
	Nunca	1 vez	Maioria	Sempre	Nunca	1 vez	Maioria	Sempre	Nunca	1 vez	Maioria	Sempre
Lisboa	39,58	50,70	9,03	0,69	63,89	25,69	9,73	0,69	44,44	30,56	15,97	9,03
Porto	59,66	27,73	11,76	0,85	85,83	7,50	5,00	1,67	39,50	14,29	26,05	20,16
Coimbra	35,20	39,20	25,60	0,00	70,40	13,60	15,20	0,80	35,20	24,00	32,80	8,00
Viseu	40,66	47,25	12,09	0,00	79,12	18,68	2,20	0,00	41,30	19,57	21,74	17,39
Funchal	44,17	40,83	15,00	0,00	78,33	18,34	3,33	0,00	31,15	22,13	25,41	21,31
P. Delgada	53,51	26,32	20,17	0,00	66,67	7,89	24,56	0,88	30,70	15,79	30,70	22,81
Angra H.	54,55	34,84	9,85	0,76	85,60	9,85	3,79	0,76	46,97	17,42	19,70	15,91
Viana C.	47,25	40,66	10,99	1,10	81,52	15,22	3,26	0,00	27,47	23,08	36,26	13,19
Aveiro	44,03	36,70	19,27	0,00	67,27	20,00	11,82	0,91	35,45	15,45	32,73	16,37
Todas cidades	46,51	38,28	14,83	0,38	75,10	15,27	8,97	0,67	37,37	20,50	26,31	15,82

* percentagens relativas à totalidade variável de Jovens que responderam a estas questões

O uso de preservativo não é generalizado; 62,63% dos jovens não recorre a esta medida de protecção normativamente e, as percentagens de jovens que referem ter tido sexo sem preservativo "uma vez" são substanciais (\bar{x} = 20,50%), podendo este facto eventualmente associar-se ao sexo ocasional, atendendo a que os jovens que mantêm relações duradouras com parceiros estáveis tendem a deixar de usar preservativo

como medida de protecção de riscos, por confiarem no parceiro. Assim, os resultados obtidos nas diferentes cidades indiciam comportamentos dos quais podem decorrer riscos para a saúde, nomeadamente o número de parceiros sexuais, o sexo sem medidas de protecção de IST's ou o sexo sob influência de álcool ou drogas. Neste aspecto, a investigação tem realçado que os consumidores de drogas e de álcool não só têm mais

relações sexuais do que os iguais não consumidores, mas também têm mais parceiros sexuais, usam menos os preservativos e iniciam-se em práticas sexuais mais cedo, sendo que um terço destes têm a sua primeira experiência sexual sobe o efeito de drogas ou álcool (Centers for Disease Control and Prevention, 2006; DiClemente *et al.*, 2001; Whitaker e Miller, 2000; Bellis e Hughes, 2004).

A corroborar a hipótese de iminência de risco veja-se que cerca de ¼ dos jovens do estudo (24,48%) fez testes de despiste de IST's nos últimos 12 meses, donde se deduz que pretenderam despistar consequências nefastas decorrentes de comportamentos sexuais adoptados. Refira-se ainda que os comportamentos de risco decorrentes do consumo de substâncias psicoactivas não são na sua totalidade inconscientes, já que 504 jovens do presente estudo (47,01%) consideram que álcool e drogas influenciam o seu processo de decisão de ter uma relação sexual de risco e 110 (8,89%) reconheceu que, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais, devido ao consumo de drogas ou álcool, de que mais tarde se arrependeu. Estes resultados acabam por não ser surpreendentes pois, tal como Zuckerman e Kuhlman (2000) concluíram, num estudo com uma população universitária, os efeitos desinibidores do álcool e das drogas têm, provavelmente, um papel preponderante no envolvimento em comportamento sexual de risco, tal como ter sexo não protegido com pessoas que não se conhece bem.

Emerge, ainda, deste estudo, que a associação de álcool ou de drogas às relações sexuais é premeditada para uma fasquia considerável de jovens, uma vez que estes mencionam pretender obter efeitos de cariz sexual com o seu consumo, donde se destaca o álcool e a *cannabis*, usados preferencialmente para facilitar o início de relações sexuais (referido por 17,97% e 4,69% dos jovens, respectivamente) e o álcool, a *cannabis* e a cocaína para ajudar a práticas sexuais invulgares ou mais excitantes (referido por 7,40%, 2,86% e 2,31% dos jovens, respectivamente). Estes resultados reforçam os pressupostos defendidos por Calafat, Juan, Becoña e Mantecón (2008) de que as substâncias psicoactivas são muitas vezes valorizadas e consumidas atendendo

aos efeitos que ocasionam nas práticas sexuais, sendo que Bellis e Hughes (2004) advertem que daí advêm frequentemente comportamentos sexuais de risco.

3.5 – Consumo de álcool e drogas ilícitas

As substâncias psicoactivas mais consumidas pelos jovens deste estudo são o álcool, a *cannabis* e a cocaína, e as mais experimentadas (com posterior abandono de consumo): a *cannabis*, o *ecstasy*, os cogumelos e a cocaína. A análise singular das cidades permite concluir que existem diferenças substanciais entre si no que toca ao consumo das diversas substâncias, com excepção do álcool, cujo consumo é generalizado, em mais de 80% dos jovens, em cada uma das 9 cidades do estudo. Exceptuando na cidade de Aveiro, o consumo de *ecstasy* é menos expressivo que o da cocaína, reforçando a maior visibilidade actual do consumo de cocaína, já constatada pelo IDT (Balsa *et al.*, 2008).

Assim, Lisboa destaca-se por ser a cidade com maior percentagem de consumidores de *cannabis* (42,36%), cocaína (11,81%) e *ecstasy* (8,33%), bem como de ex-consumidores de cocaína (14,58%). O consumo de *cannabis* é menos prevalente em Viseu (12,67%) e em Angra do Heroísmo (14,44%) e o de cocaína em Viana do Castelo (0,93%) e Viseu (0,67%). Tal como na cidade de Lisboa, em Coimbra a prevalência de jovens a consumir *cannabis* é elevada (40,28%) e muito superior à das restantes cidades. Nesta cidade, o consumo de cocaína (6,94%) ultrapassa os valores médios apurados para as 9 cidades do estudo e o valor da prevalência do consumo de anfetaminas é o segundo mais elevado deste estudo (2,08%), logo a seguir ao valor encontrado para a cidade do Porto. Ponta Delgada destaca-se pelo consumo particularmente elevado de tranquilizantes (9,49%); Funchal e Porto apresentam consumos similarmente expressivos de *cannabis* (28,69% e 24,53%, respectivamente), cocaína (8,93% e 8,42%, respectivamente) e de *ecstasy* (5,36% e 4,12%, respectivamente) e o Porto destaca-se ainda por ser a cidade com os consumos mais elevados de drogas de menor circulação: LSD (3,13%), Anfetaminas (2,17%), Heroína (2,17%), *Poppers* (3,19%), Cogumelos mágicos (3,19%) e Ketamina (1,09%).

O Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas (Balsa *et al.*, 2008) discrimina que na população portuguesa, nomeadamente nos jovens dos 15 aos 34 anos, as taxas de consumo de *cannabis*, cocaína e *ecstasy* no último ano são de 6,7%, 1,2% e 0,9%, respectivamente. Ora, comparando os valores referentes à população geral com os relativos aos jovens deste estudo, verifica-se um aumento significativo dos consumos, o que, certamente, e tal como referem Calafat *et al.* (2007), OEDT (2007), etc., se relaciona com a frequência dos ambientes recreativos. Esta relação entre ambientes recreativos e consumo de substâncias psicoactivas é também evidenciada por outros estudos que demonstraram que os consumos são mais elevados em amostras de jovens que frequentam ambientes recreativos nocturnos do que em amostras compostas por jovens em geral (Calafat *et al.*, 2001; Centers for Disease Control and Prevention, 2006; OEDT, 2006, etc.). Por outro lado, tal como refere Hibell *et al.* (2009), as taxas de consumo de substâncias psicoactivas estão

intimamente ligadas à disponibilidade e facilidade em aceder às mesmas, podendo o mesmo inferir-se em relação à precocidade do seu consumo. No presente estudo, o álcool é a substância cuja iniciação ao consumo ocorre mais precocemente, em média aos 14,98 anos, seguido da *cannabis* cuja iniciação se dá, em média, aos 16,79 anos. A experimentação das restantes drogas sucede em idades superiores a 18 anos. Esta precocidade em relação à idade de iniciação do consumo de álcool integra-se no contexto sociocultural português, em que o álcool está instituído como um elemento naturalmente constituinte de eventos sociais, festivos e de diversão. Já em relação à precocidade do consumo de drogas, um dos factores explicativos poderá advir da experiência universitária em si própria que, segundo Astin (1993) e Rebelo (2002), proporciona aos jovens a oportunidade de ingressar num mundo de experiências com colegas com diferentes visões de vida e de diversão, fazendo destes um grupo vulnerável à iniciação do consumo de substâncias ilícitas.

TABELA 1 – Substâncias psicoactivas consumidas, regularidade e idade do 1.º consumo.

SUBSTÂNCIA	Não Consumidor		Ex-consumidor Activo/Continuado		Consumo		TOTAL	Idade do 1º consumo (anos)	
	nº	%	nº	%	nº	%	n	\bar{X}	SD
Álcool	43	3,46	66	5,31	1133	91,22	1242	14,98	2,10
<i>Cannabis</i>	603	49,75	287	23,68	322	26,57	1212	16,79	2,36
Cocaína	1043	87,35	92	7,71	59	4,94	1194	19,46	2,81
<i>Ecstasy</i>	1035	86,54	129	10,79	32	2,68	1196	18,72	3,13
LSD	1130	94,80	56	4,70	6	0,50	1192	19,00	2,82
Anfetaminas	1153	97,14	25	2,11	9	0,76	1187	19,59	2,88
Heroína	1155	97,06	31	2,61	4	0,34	1190	19,03	2,53
GHB	1183	99,66	3	0,25	1	0,08	1187	18,00	4,00
Ketamina	1187	98,82	12	1,01	2	0,17	1187	23,92	5,37
<i>Popper</i>	1112	93,29	71	5,96	9	0,76	1192	19,27	3,33
Cogumelos	1074	90,25	104	8,74	12	1,01	1190	19,29	3,06
Tranquilizante	1188	91,58	66	5,56	34	2,86	1188	19,94	3,94
Outras	1105	98,05	17	1,51	5	0,44	1127	18,24	3,36

Ainda no âmbito do consumo de álcool, apurou-se que 52,58% dos jovens referem ter-se embriagado nas últimas 4 semanas, em média 1,75 vezes (SD = 2,68). Coimbra, Funchal e Viana do Castelo são, simultaneamente, as cidades com maior prevalência de jovens

a embriagar-se e que apresentam as médias de frequência de episódios de embriaguez mais elevadas, por oposição às cidades de Ponta Delgada, Porto e Angra do Heroísmo.

QUADRO 5 – Embriaguezes nas últimas 4 semanas.

CIDADE	n	Embriaguez nas últimas 4 semanas (%)						\bar{X}	SD
		0	1	2	3	4	> 4		
Lisboa	144	40,97	22,22	14,58	9,03	3,47	9,73	1,61	2,26
Porto	111	65,77	12,61	8,11	0,90	6,31	6,30	1,08	2,20
Coimbra	144	29,17	18,06	15,28	4,17	10,42	22,90	3,00	3,60
Viseu	142	47,18	19,72	14,79	1,41	3,52	13,38	1,63	2,47
Funchal	113	31,86	24,78	14,16	6,19	7,96	15,05	2,27	3,24
P. Delgada	137	59,85	14,60	11,68	5,84	5,11	2,92	1,04	2,07
Angra H.	180	51,11	21,67	13,33	3,89	3,33	6,67	1,16	1,78
Viana C.	105	34,29	16,19	18,10	10,48	5,71	15,25	2,22	2,87
Aveiro	101	43,56	11,88	15,84	6,93	6,93	14,86	1,99	2,86
Todas cidades	1259	47,42	17,71	13,58	5,13	5,28	10,71	1,65	2,62

Este consumo excessivo de álcool que actualmente ocorre nos jovens, preferencialmente na forma de *binge drinking*, revela-se preocupante pelos seus potenciais efeitos nefastos para a saúde bem como pelo aumento da predisposição para comportamentos de risco (Eurobarometer, 2007). De facto, Sánchez, Carrillo e Montesinos (2000), citando vários estudos nesta área, apontam a combinação "jovens, álcool e fim-de-semana" como responsável por 60% dos acidentes rodoviários; consideram o álcool como uma droga de acesso ao consumo de outras substâncias; responsabilizam-no por relações sexuais não planificadas e de potencial risco, comportamentos agressivos e delinquentes, e baixo rendimento académico.

3.5 – Comportamentos de risco

Nos últimos 30 dias, 37,79% dos jovens foi conduzido por alguém embriagado ou sob o efeito de drogas; 19,90% conduziu em estado de embriaguez (pelo

menos uma vez) e 9,32% fê-lo sob o efeito de drogas. Angra do Heroísmo, Ponta Delgada e Viseu distanciam-se das restantes cidades pelas percentagens mais baixas de jovens que refere ter sido conduzida sob o efeito de álcool ou drogas (26,67%, 28,47% e 30,00%, respectivamente) em oposição, por exemplo, aos jovens do Funchal, em que mais de 50% o fez. Em relação a conduzir embriagado, as diferenças entre cidades não são tão vincadas, todavia, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada e Viseu são novamente as cidades com menos jovens a adoptar este comportamento (11,11%, 12,41% e 14,00%, respectivamente) por oposição ao Funchal, Aveiro, Coimbra e Lisboa – cidades que apresentam as prevalências mais elevadas (30,88%, 28,0%, 26,39% e 20,83%, respectivamente). Os valores apurados referentes à condução sob o efeito de drogas não são tão expressivos, no entanto, este comportamento é menos prevalente em Angra do Heroísmo (3,89%) e mais prevalente em Coimbra (14,58%).

QUADRO 6 – Comportamentos de risco na condução rodoviária (últimos 30 dias).

CIDADE	Conduzido sob álcool/droga %				Conduzir embriagado %				Conduzir sob drogas %			
	0	1 – 3	4 – 6	> 6	0	1 – 3	4 – 6	> 6	0	1 – 3	4 – 6	> 6
Lisboa	59,03	34,72	2,08	4,17	79,17	16,67	2,08	2,08	87,50	9,72	0,69	2,08
Porto	60,15	30,47	4,69	4,69	79,69	15,63	0,78	3,90	92,19	3,13	1,56	3,13
Coimbra	56,25	31,25	4,86	7,64	73,61	22,92	1,39	2,08	85,42	7,64	3,47	3,47
Viseu	70,00	25,33	2,00	2,67	86,00	13,33	0,67	0,00	92,00	6,00	1,33	0,67
Funchal	44,85	45,59	5,88	3,66	69,12	23,53	6,62	0,74	91,91	5,15	2,94	0,00
P. Delgada	71,53	26,28	2,19	0,00	87,59	9,49	1,46	1,46	91,24	5,84	1,46	1,46
Angra H.	73,33	25,00	1,11	0,56	88,89	10,00	1,11	0,00	96,11	2,78	1,11	0,00
Viana C.	60,71	34,82	1,79	2,68	81,25	16,96	0,89	0,89	91,89	6,31	0,90	0,90
Aveiro	59,52	34,92	3,97	1,59	72,00	26,40	0,80	0,80	86,40	8,80	3,20	1,60
Todas cidades	62,21	31,66	2,86	3,26	80,10	16,88	1,67	1,35	90,68	6,06	1,51	1,75

Em Portugal, no ano de 2009, os jovens vítimas de acidentes de viação entre os 15 e os 34 anos perfizeram um número de 18784, num total de 47151 (INE, 2010). Muitos destes acidentes devem-se à combinação da falta de experiência dos jovens com alterações das habilidades motoras e cognitivas provocadas pelo consumo de substâncias psicoactivas (NIDA, 2007), incompatíveis com a condução segura. E, embora a condução sob a influência do álcool seja muito mais prevalente do que a condução sob a influência de drogas, o crescente consumo de drogas levanta a questão da sua potencialidade em contribuir de forma significativa para a prevalência de acidentes rodoviários. De facto, estudos epidemiológicos mostram que, de todos os testes de alcoolemia positivos, o policonsumo é confirmado em 28% dos casos (Appenzeller *et al.*, 2005).

Neste estudo constata-se uma elevada prevalência de jovens que afirma conduzir/ser conduzido sob a influência de substâncias psicoactivas. Este comportamento de risco pode ser parcialmente explicado pelo facto de os jovens terem características intrínsecas como o desafio de regras, pensamentos de onnipotência e a crença de se estar magicamente protegido de acidentes. Acrescente-se, ainda, o aumento da sensação de autonomia quando em transgressão (Pechansky, Szobot e Scivoletto, 2004), pelo que o Alcohol and Drugs Foundation of Austrália (2009) os considera um grupo de risco específico no âmbito da sinistralidade rodoviária. Outra explicação a equacionar será a já referida limitação nas opções de transportes nocturnos como factor precipitador da condução sob o efeito de álcool e drogas ou de outros comportamentos de igual risco como aceitar boleia de estranhos, de pessoas alcoolizadas ou sob o efeito de drogas.

Relativamente à ocorrência de episódios de violência reportados aos últimos 12 meses verifica-se que, apesar de apenas 2,71% ser portador de armas quando se desloca para ambientes recreativos, 8,59% envolveu-se em lutas físicas e os mesmos 8,59% foram insultados ou ameaçados por alguém com uma arma em contextos recreativos nocturnos. Lisboa sobressai substancialmente das restantes 9 cidades por apresentar mais jovens a referenciar o transporte de armas em

ambientes recreativos (6,25%) e a ser ameaçado/insultado por alguém com uma arma nesses locais (22,92%), nos últimos 12 meses. Lisboa, conjuntamente com o Porto, destacam-se ainda por apresentarem as prevalências mais elevadas de jovens a referir envolvimento em luta física (15,28% e 14,06%, respectivamente). Por oposição, Viseu e Ponta Delgada são as cidades onde se registam os valores menos significativos de jovens a transportar armas para os ambientes recreativos (0,67% e 0,73%, respectivamente); Angra do Heroísmo e Ponta Delgada destacam-se pela menor referência dos jovens a serem ameaçados/insultados por alguém com uma arma nesses locais (2,78% e 5,11%, respectivamente) e pelo menor envolvimento em luta física (5,56% e 5,11%, respectivamente).

Neste estudo, Lisboa surge como a cidade com prevalências de comportamentos de risco violentos directamente ligados à frequência de ambientes recreativos muito mais expressivas do que as suas congéneres. O facto de se tratar de uma das cidades com consumos mais elevados de substâncias psicoestimulantes (álcool, cocaína e *ecstasy*) poderá contribuir para a explicação dos valores encontrados. A ONU (2005) e a OMS (2006) fazem referência a esta relação directa entre consumo de drogas recreativas e comportamentos violentos, explicando que a indução destes comportamentos se deve à falta de inibição do medo, desencadeada pela euforia do álcool e drogas que funcionam como um mecanismo de "gatilho" para actos de agressão nos jovens propensos à violência e/ou que se encontram em situações de "agressividade" (Pillon, O'Brien e Chavez; 2005). Ou seja, em ambientes recreativos, as substâncias estimulantes determinam uma maior propensão para comportamentos eufóricos, excessivos e descontrolados, num contexto inseguro, em que se movem jovens apinhados e com dificuldades em comunicar devido ao tipo e volume de música, condições inegavelmente favorecedoras de rixas, desentendimentos e comportamentos agressivos. O VPA Working Group on Youth Violence, Alcohol and Nightlife (2007) foca também a sua atenção na cultura da vida nocturna como parcialmente responsável por encerrar em si mesma factores de risco promotores da violência. Veja-se que

os locais com disponibilidade de álcool barato, tolerantes para com a embriaguez e com o consumo de drogas, de natureza altamente sexualizada, sobrelotados e desconfortáveis, são aqueles em que se registam níveis mais elevados de agressões (Huges *et al.*, 2007).

4 – CONCLUSÃO

A análise discriminada dos resultados apurados em cada uma das 9 cidades deste estudo permite verificar que não existem grandes diferenças entre si em relação ao perfil geral dos jovens portugueses que frequentam ambientes de diversão nocturna e respectivos hábitos recreativos. Ou seja, apesar da diversidade dos contextos de diversão nocturna oriundos de cidades com características diferenciadas, verifica-se uma tendência para a igualização daqueles que neles participam e subsequente vinculação a hábitos recreativos hegemónicos e normalizados, fortemente enraizados na cultura juvenil actual.

No entanto, foi possível verificar nalgumas cidades como Lisboa, Coimbra e Funchal frequências mais expressivas de alguns dos indicadores que indiciam hábitos recreativos nocturnos mais enraizados, ao passo que Viseu ou Ponta Delgada, por exemplo, não apresentam valores tão vincados. Simultaneamente, Lisboa, Coimbra e Funchal apresentam prevalências tendencialmente mais elevadas para muitos dos indicadores de comportamentos de risco decorrentes da frequência dos contextos recreativos considerados neste estudo, por oposição às cidades de Viseu, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo i.e., com prevalências sistematicamente mais baixas do que nas restantes cidades.

Estes achados sugerem que alguns comportamentos de risco relacionam-se, interligam-se entre si e eventualmente potencializam-se uns aos outros, numa contextualização ambiental, social e até mesmo cultural, favorável à sua ocorrência, pelo que, fará todo o sentido atender à influência da cultura recreativa na adopção de comportamentos de potencial risco, principalmente depois de verificada a crescente expansão e popularidade dos locais de diversão nocturna na população juvenil portuguesa.

CONTACTOS:

LURDES LOMBA

Professora Adjunta na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e investigadores da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Domínio de Enfermagem – UiCiSa_dE mlomba@esenfc.pt

JOÃO APÓSTOLO

Professor Adjunto na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e investigadores da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Domínio de Enfermagem – UiCiSa_dE apostolo@esenfc.pt

FERNANDO MENDES

Psicólogo clínico, Investigador e Presidente do IREFREA – Portugal
irefrea.pt@gmail.com

DIANA CATARINA DE CAMPOS

Enfermeira
d_campos@live.com.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alcohol and Drugs Foundation of Austrália (2009). Drugs and driving [Online]. Disponível: <http://www.ukcia.org/research/ADFDrugsandDriving.htm>.

Alonso, M. (2002). Drogas ilícitas, vida recreativa y gestión de riesgos. Estudio-diagnóstico de necesidades de intervención en prevención de riesgos en ámbitos lúdico-festivos de la CAPV. Vitoria-Gasteiz: Eusko Jaurlaritzaren Argitalpen Zerbitzu Nagusia = Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco.

Appenzeller, B. M.; Schneider, S., Yegles, M.; Maul, A.; Wennig, R. (2005). "Drugs and chronic alcohol abuse in drivers". *Forensic Science International*, 155 (2-3), 83-90.

Astin, A. (1993). *What matters in college? Four critical years revisited*. San Francisco: Josse-Bass Publishers.

Balsa, C. *et al.* (2008). Inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoactivas na população geral, Portugal 2007. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicodpendência, I. P.

Bellis, M.; Hughes, K.; Lowey, H. (2002). "Healthy nightclubs and recreational substance use. From a harm minimisation to a healthy settings approach". *Addictive Behaviors*, (27), 1025-1035.

Bellis, M. & Hughes, K. (2004) "Pociones sexuales. Relación entre alcohol, drogas y sexo". *Adicciones*, 16, 249-57.

Calafat, A. *et al.* (1999). *Night life in Europe and recreative drug use: SONAR 98*. Palma de Maiorca: IREFREA.

- Calafat, A. (1999). "Cultura de la diversión y consumo de drogas en España. Características diferenciales con Europa". In *VI Encuentro Nacional sobre Drogodependencias y su Enfoque comunitario* (p. 649-687). Cadiz: Centro Provincial de Drogodependencias de Cadiz.
- Calafat, A.; Montserrat, J.; Becoña, E.; Fernández, C.; Carmena, A.; Sureda, P. & Torres, M. (2000). *Salir de marcha y consumo de drogas*. Madrid: Ministerio del Interior, Delegación del Gobierno para el Plan Nacional sobre Drogas.
- Calafat, A. et al. (2001). *Risk and control in the recreational drug culture: sonar project*. Palma de Maiorca: IREFREA España.
- Calafat, A., Fernández, C., Montserrat, J., Anttila, A., Arias, R., Bellis, M., Bohr, K., Fenk, R., Hughes, K., Kersch, A., Mendes, F., J., Simon, Wijngaart, M. & Zavatti, P. (2003). "Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation". Palma de Maiorca: IREFREA.
- Calafat, A.; Fernández, C.; Montserrat, J.; Anttila, A.; Bellis, M.; Bohr, K.; Fenk, R.; Hughes, K.; Kersch, A.; Kuussaari, K.; Leenders, F.; Mendes, F.; Siamou, I.; Simon, J.; Wijngaart, G. & Zavatti, P. (2004). *Cultural mediators in a hegemonic nightlife. Opportunities for drug prevention*. Palma de Mallorca: IREFREA.
- Calafat, A.; Fernandez, C.; Juan, M. & Becona, E. (2005). "Gestión de la vida recreativa: un factor de riesgo determinante en el uso reciente de drogas?" *Adicciones*, 17 (4), 337-347.
- Calafat, A. et al. (2007). *Mediadores recreativos y drogas. Nueva área para la prevención*. Palma de Mallorca: IREFREA.
- Calafat, A. et al. (2008). "Qué drogas se prefieren para las relaciones sexuales en contextos recreativos". *Adicciones*, 20 (1), 37-48.
- Calafat, A.; Blay, N.; Juan, M.; Adrover, D.; Bellis, M.; Hughes, K.; Stocco, P.; Siamou, I.; Mendes, F.; Bohrn, K. (2009). "Traffic risk behaviors at nightlife: drinking, taking drugs, driving, and use of public transport by young People". *Traffic Injury Prevention*, 10: 162-169.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (2006) – "Youth risk behavior surveillance – United States, 2005". *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 55, SS-5.
- Deehan, A. & Saville, E. (2003). *Calculating the risk: recreational drug use among clubbers in the South East of England*. Home Office Online Report 43/03. London: Home Office.
- DiClemente, R. J.; Wingood, G. M.; Crosby, R.; Cobb, B. K.; Harrington, K. & Davies, S. L. (2001). "Parent-adolescent communication and sexual risk behaviours among African Adolescents. Females". *Journal of Pediatrics*, 139 (3), 407-412.
- Elbaum, J. (2008). *Pensar las culturas juveniles*. Argentina: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología. Dirección Nacional de Gestión Curricular y Formación Docente.
- Eurobarometer (2007). *Attitudes towards alcohol*. Eurobarómetro 66.2: Special Eurobarometer 272b. [Online]. Disponível em: http://ec.europa.eu/health/ph_determinants/life_style/alcohol/documents/ebs272_en.pdf.
- Gómez, J. & Pampols, C. (2000). "Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno." *Estudios de juventud*, 50, 23-41.
- Henriques, S. (2009). *RSV – Práticas juvenis em contextos recreativos*. [Online]. CIES-ISCTE; UAb. Disponível: www.ram2009.unsam.edu.ar
- Hibell, B. et al. (2009). *The 2007 ESPAD Report Substance Use Among Students in 35 European Countries*. [Online]. Disponível: http://www.espad.org/documents/Espad/ESPAD_reports/2007/The_2007_ESPAD_Report-FULL_091006.pdf ISBN 978-91-7278-219-8
- Hayaki, J.; Anderson, B. & Stein, M. (2006). "Sexual risk behaviors among substance users: relationship to impulsivity". *Psychology of Addictive Behaviors*, 20 (3), 328-332.
- Heckathorn, D. (1997). "Respondent-driven sampling: A new approach to the study of hidden populations". *Social Problems*, 44 (2), 174-199.
- Homel, R. & Tomsen, S. (1993). "Hot Spots for Violence: the environment of pubs and clubs". In: Strang H, Gerull S-A, ed. *Homicide: Patterns, Prevention and Control Canberra*. Canberra: Australian Institute of Criminology, pp. 53-66.
- Hughes, K., Anderson, Z., Morleo, M. & Bellis, M. (2007). "Alcohol, nightlife and violence: the relative contributions of drinking before and during nights out to negative health and criminal justice outcomes". *Addiction*. Research Report, 1-6.
- INE (2010). *Homens e mulheres em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, IP.
- Jones, L.; Bellis, M.; Dedman, D. (2008). *Alcohol-attributable fractions for England: alcohol-attributable mortality and hospital admissions*. North West Public Health Observatory, CPH, LJMU, Liverpool.
- Lomba, L. (2006). "Os jovens e o consumo de drogas" In Relvas, J., Lomba, L. & Mendes, F. *Novas drogas e ambientes recreativos*. Loures: Lusociência. pp. 15-34.
- Marín-León, L. & Vizzotto, M. (2003). "Comportamentos no trânsito: um estudo epidemiológico com estudantes universitários". *Cadernos de. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (2): 515-523.
- Martin, L. (2001). *Alcohol, sex and gender in late medieval and modern Europe*. New York: Palgrave Macmillan.
- Matej, S. (2010). *Growing up in risk society in free time of young people in post-modern risk society*. PDF – Ebooks. org Disponível: http://www.see-educoop.net/education_in/pdf/growin
- McRobbie, A. (1993). "Shut up and dance: youth culture and changing modes of femininity". *Young*, 1: 2 p. 13-31. Disponível: <http://you.sagepub.com/content/1/2/13>

- Measham, F. & Brain, K. (2005). "Binge drinking, British alcohol policy and the new culture of intoxication". *Crime Media Culture*, 1: 262-283.
- Melo, R. *et al.* (2010) "Intervenção em Contexto Festivo no Ensino Superior". *Toxicodependências*. IDT. 16 (1): 15-28.
- Morleo, M.; Elliott, G. & Cook, P. (2009). *Alcohol in transport: issues and interventions*. Centre for Public Health. Liverpool John Moores University. Liverpool.
- National Institute on Drug Abuse (2007). *Drug-impaired driving by youth remains serious problem*. [On line]. Disponível: <http://www.nih.gov/news/pr/oct2007/nida-29.htm>.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. (2007). *Relatório anual 2007. Evolução do fenómeno da droga na Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Organização Mundial da Saúde. (2006). *Facts for adolescents. A Contribution to achieving the Global Goals and Universal Access for Young People*. [Online]. Disponível: http://www.afro.who.int/adh/documents/facts_for_adolescents.pdf.
- Organização das Nações Unidas. (2005). *World Youth Report 2005. Young people today, and in 2015*. The World Programme of Action for Youth on Drug Abuse. United Nations Publication.
- Pardo, L. (2002). "El ocio y el tiempo libre como espacio de riesgo y sus posibilidades en prevención". In A. Achirica, G. Arnedillo, J. Arnedillo, & L. Pardo (Eds.), *La prevención de las drogodependencias en el tiempo de ocio: manual de formación* (pp. 11-16). Madrid: Asociación Deporte y Vida.
- Pechansky, F.; Szobot, C. & Scivoletto, S. (2004). "Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos". *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (supl. 1), 14-17.
- Pillon, S., O'Brien, B. & Chavez, K. (2005). "A relação entre o uso de drogas e comportamentos de risco entre universitários brasileiros". *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13.
- Rebello, H. M. (2002). *Discursos de pais e filhos em torno da transição para o Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Sánchez, E.; Carrillo, J. & Montesinos, F. (2000). "Consumo de alcohol en escolares: descenso de la edad de inicio y cambios en los patrones de ingesta". *Adicciones*, 12, 1. pp. 57/64.
- Simões, M. (2005). *Comportamentos de risco na Adolescência*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- VPA Working Group on Youth Violence, Alcohol and Nightlife (2007). Fact sheet 1: *An introduction to youth violence, alcohol and nightlife. Global campaign for violence prevention*. [Online]. Disponível: www.who.int/violenceprevention.
- Wang, J. *et al.* (2005). "Respondent-driven sampling to recruit MDMA users: a methodological assessment". *Drug and Alcohol Dependence*, 78(2), 147-157.
- Whitaker, D. & Miller, K. (2000). "Parent-adolescent discussions about sex and condoms: impact on peer influences of sexual risk behaviour". *Journal of Adolescent Research*, 15 (2), 251-273.
- World Health Organization (2010). "European report on preventing violence and knife crime among young people". *WHO Regional Office for Europe*. Copenhagen.
- Zuckerman, M. & Kuhlman, D. M. (2000). "Personality and risk-taking: common biosocial factors". *Journal of Personality*, 68 (6), 999-1029.